



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 27/05/2022 a 02/06/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

urante **ENDEREÇO:** RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSILON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
27/05/2022	17,32	432,30	79,57	11,57	7,77
30/05/2022	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
31/05/2022	16,83	414,80	77,92	10,87	7,53
01/06/2022	16,90	412,70	78,11	10,41	7,31
02/06/2022	17,29	414,90	81,44	10,58	7,30
Média	17,08	418,68	79,26	10,86	7,48

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	173,00	
RS – Não Me Toque	173,00	
RS – Londrina	173,00	
PR – Cascavel	172,00	
MT – C.N.Parecis	160,00	
MS – Maracaju	175,00	
GO - Rio Verde	164,00	
BA – L.E.Magalhães	170,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	91,00	CIF
Porto de Paranaguá	91,70	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	83,00	
SC – Rio do Sul	84,00	
PR – Cascavel	78,00	
PR – Londrina	78,00	
MT – C.N.Parecis	72,00	
MS – Maracaju	75,00	
SP – Itapetininga	82,00	
SP – Campinas	86,00	CIF
GO – Rio Verde	72,00	
GO – Jataí	72,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	112,00	
RS – Não Me Toque	112,00	
PR – Londrina	102,00	
PR – Cascavel	105,00	

Período: 01/06/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 02/06/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,31	179,87	110,78

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
02/06/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	69,64
Feijão (saco 60 Kg)	260,00
Sorgo (saco 60 Kg)	73,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,36
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,40**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,29

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Maio/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, recuaram durante a semana, porém, ajustes técnicos e nova pressão altista no óleo de soja, levou o bushel a fechar a quinta-feira (02/06) em US\$ 17,29, contra US\$ 17,26 uma semana antes. Efetivamente, a cotação do óleo aumentou 4,3% em apenas um dia (entre 01 e 02 de junho) em Chicago.

O mercado está atento ao desenvolvimento do plantio nos EUA, sendo que o anúncio russo de possível liberação de portos ucranianos para a exportação de produtos, condicionado à retirada das sanções comerciais e econômicas impostas a si pelo Ocidente, pouco efeito fez, já que a soja não está sendo muito atingida pelo conflito entre Rússia e Ucrânia, salvo indiretamente no caso do óleo.

Neste contexto, pesou mais sobre o mercado o fato de que, até o dia 29/05, o plantio da soja nos EUA ter chegado a 66% da área esperada, ficando praticamente dentro da média histórica, que é de 67% para esta data. Além disso, o USDA informou que, no final de maio, 39% das lavouras semeadas já haviam germinado, contra 43% na média histórica. Ou seja, houve recuperação no plantio, que estava atrasado, assim como, por enquanto, o clima se apresenta melhor.

Enquanto isso, na semana encerrada em 26/05 os EUA embarcaram 378.262 toneladas de soja, com o volume ficando dentro do esperado pelo mercado. Esse fato elevou para 49,5 milhões de toneladas o total já exportado neste ano comercial, porém, ainda está abaixo das 56 milhões de toneladas exportadas no mesmo período do ano anterior.

Em termos gerais, o início da semana no mercado da soja continuou a indicar um mercado internacional com preços elevados, embora em baixa, enquanto no Brasil os preços se mantinham em recuo devido ao câmbio, que trabalhou entre R\$ 4,75 e R\$ 4,80 na maior parte da semana. Os prêmios, no Brasil, igualmente recuaram um pouco, ficando ao redor de US\$ 1,20/bushel na virada do mês, tomando Paranaguá como referência.

Analistas internacionais consideram que a demanda mundial se encontra em reestruturação, na expectativa de que a China volte com mais força ao mercado, a partir da reabertura em boa parte de Xangai e outras regiões locais, após os últimos lockdowns devido aos novos surtos de Covid. O problema tem sido, também, as margens negativas das indústrias moageiras de soja no país asiático, devido ao péssimo cenário da suinocultura local. Aparentemente, este quadro estaria melhorando.

Especificamente no Brasil, o mercado esteve mais lento, com preços novamente em queda média, devido a pressão da finalização da colheita no país e do Real valorizado. Além disso, a parte final da colheita brasileira apresentou melhorias na produtividade geral, com o volume final sendo elevado, agora, para 124,4 milhões de toneladas. As mais recentes estimativas dão conta de estoques finais ao redor de 3,57 milhões de toneladas, porém, a relação estoque/uso fica ainda muito apertada, com 2,86%. (cf. StoneX)

A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 179,87/saco, com perda de cerca de 5 reais por saco, enquanto as principais praças de comercialização do Estado trabalharam com R\$ 173,00. Nas demais praças do país, a soja ficou cotada entre R\$ 160,00 e R\$ 175,00/saco.

A semana encerrou com o mercado buscando as reações da China diante da reabertura de muitas regiões locais ao comércio normal, e o clima nos EUA, sem esquecer da guerra entre Rússia e Ucrânia, a qual caminha para fechar o seu quarto mês, mesmo que esta influencie pouco o mercado da soja, na comparação com o milho e o trigo.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, recuaram nesta semana. O bushel do cereal, puxado pela possibilidade de abertura dos portos ucranianos para a exportação de grãos, fechou a quinta-feira (02/06) em US\$ 7,30, contra US\$ 7,65 uma semana antes.

Além deste suposto e pequeno distencionamento na guerra entre Rússia e Ucrânia, o clima nos EUA é o elemento central das atenções do mercado. Neste sentido, o plantio do milho, até o dia 29/05, alcançou a 86% da área projetada, contra 87% na média histórica. Também aqui o plantio avançou de forma a recuperar o seu grande atraso no início. Por sua vez, 61% das lavouras já germinaram naquele país, contra 68% na média histórica.

Por outro lado, os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 26/05, alcançaram 1,4 milhão de toneladas, ficando dentro das projeções do mercado. No atual ano comercial os EUA já embarcaram 42,3 milhões de toneladas, contra mais de 51 milhões em igual momento do ano anterior.

Enquanto isso, na Argentina, segundo o Ministério da Agricultura local, 47% das lavouras de milho da safra 2021/22 já foram colhidas, estando um pouco acima do registrado na mesma época do ano anterior. Por enquanto, projeta-se uma colheita total de 57 milhões de toneladas no vizinho país, com uma produtividade média de quase 114 sacos/hectare. A produção só não será maior porque o clima seco, no verão passado, atingiu diversas regiões de produção naquele país.

Já no Brasil, o preço médio no balcão gaúcho atingiu a R\$ 84,31/saco, ficando 40 centavos mais baixo do que o valor médio da semana passada. Por sua vez, nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 72,00 e R\$ 84,00/saco.

A maioria dos compradores estaria estocada, enquanto espera a entrada da nova safrinha de milho, cuja colheita já iniciou. Neste sentido, mesmo com perdas regionais, espera-se uma segunda safra ainda recorde, o que pressiona para baixo os preços do cereal. Na medida em que a colheita avançar, em o câmbio ficando abaixo dos R\$ 5,00, os preços internos do milho tendem a baixar ainda mais.

Já na B3, os contratos recuaram bastante, com o vencimento julho, no início do pregão deste dia 02/06, registrando o valor de R\$ 88,43/saco, enquanto setembro ficava em R\$ 91,91; novembro em R\$ 94,20; e janeiro R\$ 96,20/saco. Em termos mensais, o mês

de maio registrou um recuo de 6,1% no valor do contrato de maio, 6,8% no de julho, 6% no de setembro, 5,1% no de novembro; e 4,6% no de janeiro/23 na nossa Bolsa.

A reação do mercado está na lógica de um mercado internacional em recuo nesta semana, de um Real mais forte e da entrada da segunda safra brasileira do cereal.

Para comparação, em Chicago, o bushel de milho perdeu, em maio, 2,9% para o contrato de maio, 7,4% para o de julho, 5,6% para o de setembro, 4,7% para o de dezembro, e 6,8% para o de março/23.

Dito isso, a colheita brasileira da segunda safra de milho, até o início da presente semana, atingia quase 2% da área semeada, estando mais avançada do que no ano passado e contra 0,85% na média histórica para a data. (cf. Pátria Agronegócios)

Especificamente no Mato Grosso, a colheita desta segunda safra atingia a 2,4%, contra praticamente 0% na média histórica para esta data. O sudeste daquele Estado chegava a 3,1% da área colhida, sendo a região mais avançada. (cf. Imea)

Enquanto isso, no Paraná, o Deral apontou que 21% das lavouras da segunda safra estavam em fase de maturação nesta semana, sendo que outros 63% estavam em frutificação. A colheita da safrinha no Paraná não chegava a 1% da área no início da presente semana, sendo o total semeado de 2,73 milhões de hectares. Em torno de 82% das lavouras a serem colhidas apresentavam boas condições no Estado paranaense.

E no Mato Grosso do Sul, conforme a Famasul, a produção esperada na safrinha é de 9,3 milhões de toneladas, com uma produtividade média de 78,1 sacos/hectare. Cerca de 85% das lavouras estão em boas condições naquele Estado e apenas 4,6% em situação ruim. O saco de milho, no Mato Grosso do Sul, terminou o mês de maio valendo R\$ 76,74, contra R\$ 92,26 na média de maio do ano passado. Os produtores sul-matogrossenses, até o final de maio, haviam negociado 21,4% da atual safrinha de milho.

Em tal contexto, espera-se que a safra total de milho no Brasil fique entre 112 e 117 milhões de toneladas. Para a StoneX a mesma será de 116,8 milhões, sendo 26,4 milhões na safra de verão e 88,3 milhões na safrinha. Ainda haverá 2,03 milhões de toneladas a serem colhidas na chamada terceira safra. As exportações brasileiras podem chegar a 40 milhões de toneladas, dependendo do câmbio e da guerra entre Rússia e Ucrânia. Diante de um consumo projetado em 75,5 milhões de toneladas, os estoques finais de milho, no Brasil, ficariam em 10,2 milhões de toneladas, o que melhora um pouco o projetado inicialmente, porém, ainda podem ser considerados apertados.

No que diz respeito às exportações de milho pelo Brasil, o mês de abril saltou para 942.000 toneladas, contra apenas 21.900 toneladas em março. Nos primeiros quatro meses do ano o Brasil teria exportado 4,7 milhões de toneladas, lembrando que no total do ano de 2021 o país exportou 20,6 milhões.

Enfim, com a quebra da safra de verão de milho no sul do Brasil, as indústrias de carnes desta região estão incrementando as importações do cereal, visando baixar os

preços das rações. O produto vem, principalmente, do Paraguai. A valorização do Real auxilia para que as compras externas sejam mais baratas neste ano. Em junho se inicia a colheita de uma safra cheia de milho no Paraguai. Enquanto isso, a consultoria paraguaia DasAgro estima as exportações de milho do Paraguai entre 3,5 milhões e 3,8 milhões de toneladas neste ano comercial paraguaio iniciado em maio, das quais 2 a 2,5 milhões podem ir para o Brasil. Esse volume seria cerca do dobro realizado no ano anterior. De maio/2021 a abril/2022 as exportações de milho paraguaio somaram 1,3 milhão de toneladas, sendo 99% para o Brasil. O milho exportado pelo Paraguai está cotado em torno de 230 a 235 dólares por tonelada na fronteira, mais frete de 5 dólares, com entrega prevista entre junho e julho. Isso significa que a tonelada importada custaria cerca de R\$ 1.142,00, considerando o câmbio futuro em R\$ 4,76. Ora, com base no preço médio gaúcho, a tonelada do milho, por aqui, estaria hoje em R\$ 1.405,00. Considerando o frete interno, o preço local estaria mais caro do que o produto importado, sem falar que a oferta regional é pouca, devido a nova frustração de safra que o sul brasileiro enfrentou neste último verão. Somente Santa Catarina estima necessário importar 4,5 milhões de toneladas de milho de diversas origens, devido aos prejuízos provocados pela seca de verão. As importações dos três Estados do sul se justificariam pelo fato de os mesmos não ficarem na dependência apenas do milho da safrinha brasileira.

O Paraguai espera colher 5,5 milhões de toneladas de milho na safra atual, a partir de junho, contra 3,1 milhões colhidas no ano anterior. A área da safrinha paraguaia cresceu 20% sobre o ano anterior e 33% sobre a média histórica, chegando a 910.000 hectares neste ano. Assim, parte do motivo, para uma produção maior, está em aproveitar a janela de plantio de milho, antecipada em quase 30 dias, neste ano. Enfim, segundo os exportadores paraguaios, tem sido difícil manter embarques fluídos ao Brasil, principalmente pela fronteira Ciudad Del Este/Foz do Iguaçu, que representa 50% das exportações de milho aos brasileiros, devido à operação padrão dos fiscais agropecuários, a qual elevou o tempo médio de transporte na região de 3 para 10 dias. Se não se resolver esta situação de fronteira, permitindo um fluxo contínuo dos embarques, provavelmente as exportações de milho do Paraguai serão mais massivas através da Hidrovia Paraguai/Paraná, que demora de 15 a 20 dias. (cf. DasAgro)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram fortemente nesta semana. O primeiro mês cotado literalmente despencou de US\$ 11,43/bushel no dia 26/05, para US\$ 10,41 no dia 01/06, perdendo pouco mais de um dólar por bushel em três dias úteis. Posteriormente, ajustes técnicos elevaram para US\$ 10,58 o fechamento da quinta-feira (02/06) para o primeiro mês cotado. Lembrando que este bushel havia chegado a US\$ 12,77 em 17 de maio passado.

A possibilidade de uma abertura russa às exportações ucranianas de cereais pressionaram o mercado, pois a Ucrânia é um dos grandes exportadores de trigo. Ao mesmo tempo, nos EUA, 72% do trigo de inverno havia germinado, contra a média histórica de 76%, na data de 29/05. Já as condições das lavouras deste trigo, na mesma data, apresentavam 40% entre ruins a muito ruins, 31% regulares e 29% entre boas a excelentes. Enquanto isso, o trigo de primavera, naquele país, havia sido

semeado em 73% da área esperada, no final de maio, contra 92% na média histórica para a data. Já 42% das lavouras estavam emergidas, contra 69% na média histórica.(cf. USDA)

Pelo lado das exportações, os EUA, na semana encerrada em 26/05, embarcaram 343.927 toneladas de trigo, ficando o volume dentro do esperado pelo mercado. No total do atual ano comercial, o volume atinge a 20 milhões de toneladas, diante de mais de 25 milhões um ano antes, na mesma data.

Por sua vez, a previsão de produção, do trigo macio na União Europeia e Reino Unido, subiu para 143 milhões de toneladas no atual ano comercial, ganhando quase dois milhões sobre as estimativas de março. Somente a França deverá colher 34,8 milhões de toneladas deste trigo, enquanto no Reino Unido a colheita será de 15,6 milhões de toneladas. Já na Ucrânia, a produção prevista é de 19,2 milhões de toneladas, contra as 33 milhões colhidas em 2021. Com isso a Ucrânia, talvez, consiga exportar, no máximo, 10 milhões de toneladas de trigo, contra 19 milhões no ano anterior.

Já no Brasil, os preços do trigo se mantiveram elevados, com a média gaúcha atingindo a R\$ 110,78/saco, enquanto as principais regiões produtoras ficavam em R\$ 112,00. No Paraná, o saco do cereal girou entre R\$ 102,00 e R\$ 105,00.

A situação para os compradores nacionais de trigo não é das melhores, pois logo mais terão que ir às compras, devendo pagar mais caro pelo produto. Para esta próxima safra, os indicativos de preço estão na casa de R\$ 2.000,00/tonelada no Paraná e entre R\$ 2.200,00 e R\$ 2.300,00 no porto de Rio Grande. (cf. Safras & Mercado)

O plantio da nova safra continua avançando no país, com o processo tomando mais corpo também no Rio Grande do Sul, apesar das constantes chuvas. Até o final de maio cerca de 35% da área esperada no país já teria sido semeada.

Enquanto isso, a Abitrigo divulgou pesquisa, com dados de 2021, indicando que houve estabilidade na demanda de farinha de trigo no Brasil, enquanto os custos de produção do cereal já disparavam. No ano foram moídas 12,67 milhões de toneladas de trigo no país, gerando cerca de 9,9 milhões de toneladas de farinha. Cerca de 44% deste volume de farinhas foi consumido no segmento de panificação.

Enfim, mesmo sendo um dos maiores importadores mundiais de trigo, de forma individual, o Brasil já exportou, nos quatro primeiros meses de 2022, um total de 2,3 milhões de toneladas do cereal, ou seja, mais do que o dobro do volume de igual período do ano passado. Lembrando que as importações de trigo, no período, foram de 2,04 milhões de toneladas. Ou seja, exportamos mais do que importamos trigo no primeiro trimestre do corrente ano. Os altos preços internacionais e o bloqueio das exportações da Ucrânia, devido à guerra, estimulam nossas vendas externas, mesmo com um Real bem mais valorizado.

No final de maio a tonelada de trigo brasileiro era vendida por US\$ 358,11, enquanto o produto do sul do país, por exemplo, na média, ao produtor, se fixava ao redor de US\$ 364,42, ao câmbio de R\$ 4,90 por dólar. O problema é que, com a disparada inflacionária no país, o consumo freou, sobrando mais produto para exportar. Antes da guerra, o Brasil tinha comprometido 2,686 milhões de toneladas de trigo ao exterior.

Depois da guerra, tricultores venderam mais 180 mil toneladas no fim de fevereiro e março, para embarque em março, e outras 150 mil toneladas para embarque em abril. (cf. Trigo & Farinhas) O volume exportado no primeiro quadrimestre deste ano foi 313,6% superior ao comercializado em igual período do ano passado. O preço médio do cereal exportado ficou 40,8% acima do registrado um ano antes.

O real desvalorizado no período de fechamento dos acordos, combinado com o cenário de cotações mundiais elevadas, puxou a competitividade do cereal brasileiro frente aos concorrentes e até mesmo ante exportadores tradicionais de trigo. Assim, quando as tradings fizeram as compras, o trigo brasileiro era o mais barato do mundo com real desvalorizado, preços mundiais elevados, entressafra no mercado mundial e entrada da safra brasileira de 2021. O principal destino do cereal brasileiro, no primeiro quadrimestre, foi a Arábia Saudita, que comprou 504.969 toneladas de trigo do país. Na sequência, aparecem Indonésia (360.498 toneladas) e Marrocos (322.044 toneladas). (cf. Hedge Point) Espera-se que um total de 3,02 milhões de toneladas de trigo, da safra 2021, venham a ser exportadas. E não se descarta que, para a safra 2022, se a mesma vier cheia, o país exporte entre 3 a 3,5 milhões de toneladas, de uma produção total esperada um pouco acima de 8 milhões de toneladas. (cf. Trigo & Farinhas)